Representações de mulheres negras em contos da literatura brasileira

Palavras-Chave: Literatura Brasileira, representação, mulheres negras

Autoras:

ALICE AGUIAR DE BRITO, GIOVANNA QUESIA RODRIGUES DA SILVA, LAURA NAKAMURA MAYO LACORTE, MARIA EDUARDA CARDOSO TEIXEIRA, MARIA ISABEL BAPTISTELLA DA SILVA – Cotuca – Unicamp

Profª. Me. Simone Rodrigues Vianna Silva (orientadora), Cotuca – Unicamp

INTRODUÇÃO:

Contemporaneamente, a Crítica Literária tem realizado estudos sobre representações de personagens negras na literatura brasileira, interesse suscitado pelas ações dos movimentos negros nas décadas finais do século XX, especialmente com a criação dos Cadernos Negros, em 1978 (Palmeira, 2010). Esse interesse é arrebatado pela possibilidade de novas representações, diferentes do histórico comumente perpetuado pelo estereotipado olhar do colonizador: a prior, o apagamento, ou a impossibilidade da existência com a não presença da personagem negra; seguida por seu silêncio,

> como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau. No modernismo, o negro era visto como uma preocupação, devido ao entrave que ele representaria à instituição de uma 'nação brasileira civilizada'". (Castilho, 2004, p. 107)

Acrescentando o recorte de gênero à análise, é possível observar como as representações da mulher negra, enquanto personagem feminina na literatura brasileira, transitam para o caráter da sexualidade e do desejo[1]. As mulheres, desse modo, são colocadas como mercadoria. Tanto seus corpos, quanto suas traduções estão à disposição do grupo étnico tido como superior e, na literatura, elas são divididas em dois estereótipos principais, ambos a serviço de algo/ alguém: o da "mãe preta"/ serva e o da prostituta/ mulata sensual. (Souza, 2008)

Corroborando o que afirma bell hooks, quando diz que "o campo da representação permanece um espaço de luta mais evidente quando nós examinamos criticamente representações contemporâneas de pessoas negras e de negritude" (hooks, 1992, p. 3 apud Souza, 2008, p. 108), o

[1] Esse não é um aspecto inerente à personagem negra feminina, mas é nele muito exacerbado em relação à masculina.

presente estudo investiga as possíveis representações de personagens negras femininas em três contos contemporâneos brasileiros escritos por autoras negras, sendo eles: “Impressões de uma infância”, de Silvana Martins; “Maria”, de Conceição Evaristo e “Metamorfose”, de Geni Guimarães[2]. O objetivo principal é responder à questão: quais são as possíveis representações de mulheres negras em determinado recorte de contos ficcionais?, sendo que a hipótese norteadora do estudo é de uma mudança em relação ao histórico de estereótipos, tendo em vista os novos contextos de produção e de autoria. Para tanto, foi utilizada a técnica de leitura *close Reading*, sendo que cada pesquisadora teve autonomia para explorar as metáforas que considerasse as mais interessantes de cada um dos contos do *corpus*.

METODOLOGIA:

Para pensar a metodologia da presente pesquisa, partiu-se do pressuposto de que "a estética narrativa é ao mesmo tempo fruto e agente da construção de valores que organizam as sociedades e as culturas" (Coelho, 2020, p. XXII), o que dialoga intimamente com a hipótese apresentada anteriormente, sobre uma possível mudança no paradigma do estereótipo de representação da mulher negra na literatura contemporânea brasileira. Isso implica compreender que os recortes de tempo (contemporaneidade), de gênero (autoras mulheres) e de “raça” (autoras negras) são fundamentais para a seleção do *corpus*.

O repertório teórico da crítica literária foi especialmente pautado em "Mímesis", de Erich Auerbach (1946), pois o método de leitura utilizado foi o *close Reading*, o mesmo utilizado pelo teórico em seu livro fundamental de teoria literária. *Close Reading* é uma forma de leitura que pode ser traduzida como “leitura de pormenores, atenciosa, minuciosa, estreita, próxima, investigativa, rigorosa, cautelosa, detalhada, analisada, meticulosa, [...] com método” (Pedersen; Tortella, 2016, p. 56). Essa leitura propõe várias revisitações ao texto literário, descobertas de significados, tanto literais, quanto implícitos possíveis pelo contexto do texto e pressupõe uma análise mais investigativa, de modo que o leitor tenha papel ativo na construção interpretativa do texto. Questões são formuladas a cada leitura e elas devem começar desde a compreensão de sentidos vocabulares, passando por contextualizações históricas e sociais, culminando nos desvelamentos de metáforas estruturantes do texto literário.

Para esta pesquisa, portanto, foi basilar o pressuposto de que, para a interpretação literária, forma e conteúdo são elementos indissociáveis e que "o intérprete está diante do efetivo verbal e estilizado de um processo que é sinuoso e, não raro, obscuro para o seu próprio criador" (Bosi, 2003, p. 466). Isso implicou a compreensão de que não há sentidos fechados e afirmados pelas próprias autoras, mas sim possibilidades interpretativas e representativas das mulheres negras pela literatura brasileira.

Ademais, a interpretação sempre partiu do texto e da possibilidade de diálogo entre os saberes (crítica comparada), de modo que a análise textual dialogue com a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia e demais saberes que se mostrem desveladores de sentidos outros no texto literário

[2] Os contos estão publicados, respectivamente: na Revista Cadernos Negros 36; em “Olhos d’água” e em “A cor da ternura”.

(Cândido, 2014; Santiago, 1978). As leituras realizadas pelas pesquisadoras dialogaram, especialmente, com os contextos sócio-históricos, e, como cada uma delas teve liberdade para explorar as metáforas que mais lhes interessaram nos textos, conforme mencionado na introdução, houve uma riqueza de exploração dos contos, já que mais elementos puderam ser esmiuçados em cada um deles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os três contos analisados são protagonizados por mulheres negras, mas apresentam arcos narrativos bastante distintos. "Impressões de uma infância" apresenta uma narrativa memorialista em primeira pessoa e conta a história de uma protagonista feminina negra, filha de pai negro e mãe branca. Em suas memórias estão guardadas as lembranças de quando ela alisava os cabelos, levada pelas tias maternas que a queriam "bonita", assim como elas (racismo estrutural e estereótipo de feiura vinculado aos cabelos não lisos). A experiência de alisar os cabelos não era positiva e é referida com a ideia de perda de identidade: "e quando acabava eu me olhava no espelho e **me sentia perdida**, como se aquela imagem refletida **não fosse eu**, e todos os **meus sonhos** de menina **iam embora** naquele momento" (Martins, 2013, p. 101, grifos nossos). Os elementos textuais estabelecem, desse modo, uma relação entre o cabelo da narradora consigo mesma e com seus sonhos. O alisamento, portanto, pode ser lido como uma violência contra essa criança (agora mulher que rememora), obrigada a abdicar de sua própria identidade.

Ainda refletindo sobre essa questão, a protagonista traz um novo elemento para a narrativa, afirmando que não podia lavar seus cabelos, pois os efeitos do alisamento se perdiam e a construção narrativa corrobora a ideia de perda de identidade com a seguinte construção: "Como nunca fui uma menina muito disciplinada, com o tempo **me esquecia dos meus** cabelos e **me lembrava de minhas bonecas**, **todas loiras**, e algumas tinham o cabelo comprido." (Martins, 2013, p. 102, grifos nossos). O período começa com uma explicação e a construção da imagem da narradora como indisciplinada (ou rebelde, como seus cabelos), mas que esquece de si mesma para lembrar das bonecas e de seus cabelos loiros, cabelos com os quais os seus devem se assemelhar para serem bonitos (e disciplinados?).

Uma metáfora muito importante é introduzida no texto: a boneca. Interessante observar que sua boneca favorita é "quase carequinha, era toda branquinha e tinha uma pele rosada" (Martins, 2013, p. 103) – livre de preocupações? E de identidade? –, mas foi esquecida um dia, em uma viagem, e a narradora, então, ganha uma nova boneca, parecida com a outra, mas negra. "Ela tinha um pequeno chumaço de cabelo cacheado e, naquele dia, eu quis me parecer com ela" (Martins, 2013, p. 104). A identificação com a nova boneca e a percepção da beleza nessa nova identificação permitem à narradora não alisar mais os cabelos e reconhecer a beleza em sua própria identidade racial: "mas a sensação e o deleite desse retornar a mim mesma me fizeram entender tantas coisas..." (Martins, 2013, p. 104). Por fim, a protagonista agora pode molhar seus cabelos na água da chuva.

Outro conto analisado foi "Maria", do livro "Olhos d'agua", de Conceição Evaristo. Nele, Maria trabalha na casa de uma família, é mãe solo de três filhos e pega o ônibus, após o trabalho para voltar para casa com as sobras da festa que houve na casa de sua patroa – frutas (melão, que os filhos nunca viram) e o osso do pernil –, o dinheiro da gorjeta e um corte na mão feito pela faca a laser que usou para cortar o pernil. No trajeto para casa, o ônibus é assaltado pelo mesmo homem que havia sentado ao seu lado e com quem conversou um pouco – o pai de um de seus filhos, o homem de quem sente saudades. Ele roubou os demais passageiros, mas não Maria e, por isso, ela

começou a ser acusada de estar trabalhando com os bandidos. A comoção entre os passageiros cresceu e a defesa do motorista, que sempre via Maria no ônibus, de nada adiantou. A mulher foi linchada e morta por aquelas pessoas enfurecidas.

A narrativa de Evaristo é bastante violenta, o que é um ponto em comum com "Impressões de uma infância", de Martins, apesar de serem violências bastante distintas, com finais bem diversos. Maria, praticamente sem chances de defesa, desde o início do conto, quando se machuca simbolicamente com a faca a laser que, metaforicamente, pode representar um distanciamento de classe e poder aquisitivo que jamais seria transposto pela mulher – Maria, no contexto sócio-histórico brasileiro contemporâneo, enquanto mãe solo de três crianças, jamais conseguiria atingir a classe social de sua patroa e seria a dona de uma faca a laser – quanto, linguisticamente, pode representar a corte (corte jurídica) que a julgou no ônibus, o corte como prenúncio do que iria acontecer com ela e, em uma brincadeira linguística de homônimos homófonos (palavras escritas identicamente, mas lidas com sons diferentes), a corte enquanto a sociedade que a julga por quem ela é e com quem ela se associa.

Por fim, o terceiro conto analisado foi "Metamorfose", de Geni Guimarães, o conto mais longo dentre os três. Nele, também se desenvolve uma narrativa memorialista cuja narradora em primeira pessoa é uma menina negra, em idade escolar. Única negra de sua classe, o conto pode ser dividido em dois momentos, cujo marco temporal se dá com a festa em homenagem à Princesa Isabel, para quem a narradora, não nomeada, escreve versos logo no início da narrativa. Mesmo com muito medo, ela resolve apresentar seus versos na festa, mas pensa em faltar. Esse é um dos momentos de grande violência amenizados pela inocência do olhar infantil que ainda não percebeu como se estabelecem as relações de poder na sociedade, o racismo estrutural, que lhe será descortinado na festa do dia 13 de maio. O trecho se constitui como uma ironia fina, facilmente perceptível ao leitor, quando ela pensa, caso faltasse, para não apresentar seu texto, se houvesse alguém que pudesse falar por ela no céu, seriam seus amigos falecidos "Eu mesma conhecia vários anjinhos ... [...] E tinha mais ainda e, **por sorte**, todos da minha cor. **Seriam votos a meu favor**, certamente." (Guimarães, 2018, p. 59, grifos nossos).

O ponto de virada do conto é justamente quando a narradora protagonista toma consciência de como ela é vista sob o olhar do outro e isso acontece na festa à Princesa Isabel, durante a fala de sua professora sobre a data comemorada e sobre quem eram os escravos. O contraste entre aquela fala e a narrativa de Vó Rosária não fazia sentido para a narradora e o discurso que ela assimilou foi o de pertencimento a um povo fraco, que não tinha heróis, que não se defendia e era inferior. Humilhada, a protagonista não declama seu poema, vira alvo de pena e sarcasmo dos colegas e vai embora para casa. Sua autodepreciação culmina em um ato de violência contra si mesma, quando ela tenta tirar a cor negra da própria pele com pó de tijolo moído (que as mulheres utilizavam para tiram o carvão grudado no fundo da panela), o que deixa suas panturrilhas machucadas. O final do conto não ameniza o sofrimento, ao contrário, mostra que o corpo pode ter se curado, mas as feridas internas não se curarão tão facilmente: "Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens." (Guimarães, 2018, p. 59).

CONCLUSÕES:

Apesar de os contos proporem narrativas que podem parecer bastante distintas, a priori, especialmente “Maria”, que se distingue mais dos outros dois contos, a pesquisa encontrou mudanças significativas no que tange à representação de mulheres negras na literatura contemporânea brasileira, ressaltando o limitado *corpus* e tempo de análise: a priori, o protagonismo da personagem negra em relação ao próprio desejo. Nas narrativas analisadas, todas as personagens são apresentadas enquanto personagens que anseiam por algo – Maria gostaria de ter seu homem de volta, quer cuidar de seu filho e apresentar uma vida melhor para todos eles; a protagonista de “Impressões de uma infância” questiona, durante todo o conto, o conceito de beleza, até que encontra aquele que o satisfaz; a protagonista de “Metamorfose” deseja declamar seu poema e deseja ser como os outros e, por fim, a justiça dos homens.

Ademais, outros dois elementos permeiam a representação das mulheres negras nesses contos: a violência e a solidão. Das muitas possibilidades de violência – violência simbólica, sexual, de gênero, física, psicológica, racismo, dentre outras –, é possível discorrer sobre o racismo em todos os contos, mas também sobre a violência física e simbólica, já que Maria se fere com a faca a laser, enquanto em “Impressões de uma infância”, a protagonista fere a cabeça ao alisar os cabelos, e a narradora de “Metamorfose” machuca a si mesma. As três mulheres são alvos do olhar de um grupo – Maria no ônibus, cercada por pessoas que vão, literalmente, assassiná-la; a protagonista de “Impressões de uma infância” é cercada pelas tias, brancas; e a narradora de “Metamorfose” está cercada por toda a sala, professores e diretor. Estão todas sozinhas, nesses momentos de violência, ou, se acompanhadas, ainda assim, não conseguem mudar o que está acontecendo.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004.

COELHO, Isabel Lopes. **A representação da criança na literatura infantojuvenil**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura.** São Paulo: FTD, 2018, p. 55-66.

MARTINS, S. Impressões de uma infância. In: **Cadernos Negros 36: Contos afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2013, p. 101-104.

PEDERSEN, Simone Alves; TORTELLA, Jussara C. Barboza. *Close Reading* e a literatura infantil: estratégias de leitura para alunos do ensino fundamental. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora, v. 18. N. 1, p. 51-62, jan.-jun. 2016.

SOUZA, Florentina. Gênero e “raça” na literatura brasileira. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32., p. 103112, julho-dezembro de 2008.